

Na quinta-feira, 20/2, um grupo de estudantes representando os centros acadêmicos de Direito, Letras, Relações Internacionais, Serviço Social e FEA, reuniram-se com a APROPUC para debater as perseguições políticas existentes hoje na PUC-SP, que culminaram com a advertência formal à diretora da APROPUC, professora Bia Abramides e a crise provocada pela redução de cargas horárias docentes.

No primeiro ponto os estudantes expressaram a sua solidariedade à professora Bia e o repúdio à medida de caráter político. Os estudantes de Relações Internacionais, através de seu Centro Acadêmico, pretendem emitir uma nota de repúdio ao posicionamento do professor Carlos Eduardo Carvalho, que ministra aulas no curso, durante o processo contra a professora. A atitude do professor da FEA causou estranheza aos seus alunos, uma vez que os dois outros membros da comissão processante optaram pelo arquivamento do processo e somente o professor da FEA encaminhou para a suspensão da professora, sem direito a vencimentos. A manifestação do CA vai no sentido de pedir um posicionamento do professor sobre seu voto.

Os demais Centros Acadêmicos também repudia-

ram o ataque à democracia e autonomia universitárias e informaram que redigirão individualmente moções de apoio à professora.

REDUÇÃO CONTRATUAL

No segundo ponto de pauta foram analisados os efeitos da redução contratual imposta pela universidade aos professores. Pelas novas regras aplicadas pela Reitoria e Fundação São Paulo uma quantidade de professores, estimada em 400, receberam cartas propondo uma redução contratual para o primeiro semestre de 2014 (veja matéria na página 3 desta edição).

Os professores presentes mostraram a sua contrariedade com a situação e foram relatadas comunicações feitas pelo curso de Serviço Social, Faculdade de Ciências Sociais e Faculdade de Direito, contra a medida imposta.

ESTUDANTES E PROFESSORES DISCUTEM REDUÇÕES CONTRATUAIS E PERSEGUIÇÕES POLÍTICAS NA PUC-SP

rogado seu tempo de pesquisa institucional tiveram que se adequar a prazos menores. Esse procedimento vem quebrando o principal eixo acadêmico norteador da universidade que é a relação complementar entre ensino/pesquisa/extensão.

Os relatos feitos pelos presentes chegaram finalmente a uma conclusão que já vem sendo enfatizada pela APROPUC: a PUC-SP caminha a

passos largos para a mercantilização total de seus cursos. O temor levantado pelos estudantes é que, em breve, a universidade se transforme em mais uma "Uniesquina", como são pejorativamente chamadas as instituições de ensino direcionadas exclusivamente ao lucro.

Nesse sentido os presentes entenderam que os encontros devem continuar acontecendo periodicamente e foi agendada a próxima reunião, que ocorrerá no dia 27/3, quinta-feira, às 18h na sede da APROPUC.

Outra importante decisão comunicada pela entidade refere-se ao Conselho Universitário que acontece nesta quarta-feira, 26/2. Na ocasião a APROPUC levará dois manifestos, a serem lidos aos conselheiros protestando contra a punição à professora Bia Abramides e contra a situação provocada pela redução de contratos de trabalho docente.

Os presentes também insistiram na constatação de que o encaminhamento dado à questão evidencia o esvaziamento dos órgãos colegiados e de instâncias acadêmicas como departamentos e coordenações.

Os estudantes reclamam fundamentalmente do corte de turmas de Trabalho de Conclusão de Curso, TCC. Na Faculdade de Direito, por exemplo, a exigência de que um orientador tenha no mínimo oito orientandos, limita a possibilidade de escolha dos alunos que muitas vezes têm que se submeter a orientadores alheios ao seu tema, uma vez que o professor escolhido não alcançou o número suficiente de orientandos.

Aliada a esta redução de aulas coloca-se também a redução no tempo da pesquisa. Foram relatados vários casos nos quais professores que deveriam ter pro-

Mais entidades repudiam penalização à professora Bia Abramides

Nesta semana continuamos a receber moções de solidariedade à diretora da APROPUC Beatriz Abramides. Várias entidades e manifestações individuais chegaram à entidade repudiando o ato da reitora nomeada.

Também na semana passada aconteceu uma reunião entre professores e estudantes na qual um dos pontos de pauta foi a penalização da professora Bia Abramides. Na capa desta edição relatamos os encaminhamentos desta reunião.

Abaixo transcrevemos algumas manifestações que nos chegaram nos últimos dias:

O Colegiado de docentes do curso de Serviço Social da Faculdade Mauá, grupo Uniesp, manifesta apoio ao documento da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (Abepss) "Abaixo a perseguição na PUC-SP - em defesa à professora Bia Abramides". A professora vem sofrendo com as atitudes arbitrarias, vinculadas a interesses econômicos privados que sinalizam os limites da democracia no país e expõe as restrições à liberdade de expressão. Sob a recorrente justificativa de manutenção de uma ordem ins-

titucional, confunde a defesa de uma manifestação democrática e legítima com um inimigo e criminaliza a luta pela autonomia universitária.

Toda nossa solidariedade e apoio à professora Bia, reconhecendo suas significativas contribuições no campo da formação e da prática profissional dos assistentes sociais ao longo da trajetória de sua vida.

Colegiado de Docentes do Curso de Serviço Social da Faculdade Mauá - Grupo UNIESP

Moção de repúdio à condenação política da professora Maria Beatriz Costa Abramides

O Curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, Campus de Rio das Ostras, repudia com veemência a condenação política da Professora Maria Beatriz Costa Abramides, realizada pela ilegítima reitora da PUC-SP. A punição por "falta disciplinar" de Bia Abramides revela, uma vez mais, o caráter antidemocrático da gestão imposta à comunidade puquiense. Decisão lamentável e inaceitável que macula a histórica tradição democrática dessa Universidade e que revela, ao contrário do que pretende o ato "disciplinador", a pertinência e a legitimidade da manifestação de repúdio à nomeação da atual reitora da qual a professora Bia participou, por decisão de assembleia de professores, e

que se tornou objeto de um processo absurdo, agora coroado pelo autoritarismo desavergonhado de uma gestão ilegítima.

Nosso total apoio e solidariedade à professora Bia Abramides, referência na luta democrática do Serviço Social e dos trabalhadores!

Curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, Campus de Rio das Ostras

OUTRAS MANIFESTAÇÕES

Repudiamos a medida punitiva praticada pela reitora nomeada Prof^a Anna Maria Marques Cintra e reivindicamos a revogação imediata da aplicação de advertência formal imputada à professora Dra. Maria Beatriz Costa Abramides.

Estamos solidários à Professora Bia e à APROPUC.

Por uma universidade autônoma, plural e democrática.

Instituto Caio Prado, Expressão Popular, Maria Conceição Silva (PUC-SP),

Kátia Marro (UFF Rio das Ostras - Membro do GTP da ABEPSS), Viviane Souza Pereira (UFJF), Luiz Baldi (UFJF), Elcemir Paço Cunha (UFJF), Beatriz Paiva (UFSC), Maria Cristina Queirós Nobre (UECE), Raquel Mota Dias (UFJF), Mariana Peci (UFJF), Sâmbara Oliveira (Unicastelo), Juliana Fuizi Crslaghi (UERJ), Luiz Felipe Loureiro Foresti (PUC-SP) - Vania Manfroi (Professora da UFSC) - Ariana Celis - Renata Maria Souza (CRESS SP) - Sá Rodrigues - Maria Cecilia Mansur - Lucas Bezerra - Márcia Torres Rodrigues - Flávio José - Thiago Rodrigo da Silva - Fernanda Carriel (mestre PUCSP-CRESS - Seccional Campinas) - Deusa Raposeiro - Sandra Rodrigues - Valdir Junio Dos Santos - Leonardo Nogueira - Francisca Rodrigues - Shellen Galdino - Mirela Ferraz - AmigoAmigos - Christiano Amorim - Inez Stampa - Gustavo Repetti Suizán - Tibério Oliveira (Assistente Social-UFRN) - Marcelo Hungaro - Jacqueline J SP, (Assistente Social PUC-SP) - Lucas Alecrim

PUCViva Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtordt

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar - Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 - Correio Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br - PUCViva na Internet: www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Diminuição de contratos de trabalho gera constrangimento a professores

Segundo dados apurados pelo **PUCviva** cerca de 400 professores receberam em suas casas e pelo e-mail institucional a informação de que deveriam se manifestar sobre a redução de suas cargas horárias neste semestre. Embora tenhamos solicitado à Divisão de Recursos Humanos (DRH) o número de professores notificados até o final desta edição não obtivemos retorno.

A "cartinha", como ficou conhecida, invocando o artigo 37 da Convenção Coletiva de Trabalho do Sinpro-SP, coloca aos professores duas possibilidades: aceitação da redução de sua carga horária, ou a não concordância com a redução. Porém, o texto da DRH lembra que a ausência de manifestação no prazo máximo de cinco dias, a partir da data do recebimento, caracterizará a não aceitação da redução, o

que poderá acarretar na rescisão do contrato.

Até a quarta-feira, 19/2, o **PUCviva** teve a notícia de que 270 professores haviam entregue suas cartas. Porém, vários docentes solicitaram a retificação da informação, uma vez que a redução de turmas informada não era correta, ou estava trabalhando com dados defasados de número de alunos matriculados.

CONSTRANGIMENTO

Atolada em uma de suas piores crises, a universidade descarrega o ônus do déficit financeiro sobre os docentes e funcionários da instituição. O professor, que conta com seus já combatidos vencimentos, vê-se na situação de ter que reduzir ainda mais seus ganhos. E, se não aceitar, fica ameaçado de demissão legal, pois o malfadado artigo 37 da Convenção Cole-

tiva do Sinpro-SP reza que a redução de carga horária pelo motivo de diminuição do número de alunos matriculados, se não for aceita pelo docente, dará à Mantenedora o direito de demiti-lo sem justa causa.

Ocorre, porém que, em vários casos, a redução do número de alunos foi promovida pela própria direção da universidade, que fixou, por exemplo, números maiores para optativas e Trabalhos de Conclusão de Cursos que aqueles praticados no semestre passado, o que, na realidade, não caracteriza uma redução.

Por outro lado, o encaminhamento dado ao assunto revela o atropelamento que as instâncias acadêmicas sofrem hoje na universidade. As cartas foram enviadas nominalmente à casa dos professores, sendo que as chefias departamentais, responsáveis

pelas atribuições das aulas, sequer foram informadas.

A redução de carga horária é mais um capítulo da tentativa de transformar a PUC-SP em uma universidade menor, onde a viabilidade financeira passa a ser o principal critério de existência da instituição, enquanto que o aspecto acadêmico é relegado ao segundo plano. Por exemplo, prefere-se lotar apenas uma turma de optativas, negando ao aluno a possibilidade de escolha. A APROPUC solicita aos professores que receberam a notificação de redução que comuniquem à entidade pelo telefone 3865-4914 ou pelo e-mail apropuc@uol.com.br.

A APROPUC realizou mais uma discussão com professores e alunos, na quinta-feira, 20/2. Acompanhe o relato na capa desta edição.

Melhora a qualidade do restaurante universitário

Quem entra na praça de alimentação da PUC-SP desde o início do semestre se depara com uma novidade: a empresa Sodexo Restaurantes assumiu a concessão do restaurante universitário a quilo e bandeirão.

Em 2013 a comunidade se mobilizou através da Comissão de Alimentação, formada basicamente por funcionários, denunciando a baixa qualidade da alimentação fornecida pelo antigo locatário. Em reuniões com a Fundação São Paulo a Mantenedora concordou com a substituição da empresa Facultativo e

abriu uma nova licitação para a escolha de outra concessionária.

O novo restaurante vem operando desde a volta às aulas, dia 3/2, e já virou notícia na universidade, isso porque o novo bandeirão está mais barato. Atualmente o investimento para alimentação, almoço ou jantar, sai por R\$ 5,70 para estudantes com cadastro no PAC e R\$ 5,00 para funcionários, representando R\$ 0,30 a menos do valor aplicado pela concessionária anterior.

Embora a diferença de preços seja pequena, as novas refeições têm agradado

a quem se alimenta na universidade. Em resposta ao **PUCviva** sobre a qualidade da alimentação do novo restaurante, tanto os estudantes como os funcionários ouvidos foram unânimes em responder que agora está melhor: "Tá descendo mais suave, mais leve. Antes era muito pesado", afirmou um funcionário sobre a comida.

O restaurante oferece cardápio balanceado, conforme publicação semanal no site da PUC-SP, com duas opções de salada, feijão, arroz, acompanhamento, duas opções de carne e três de sobremesa, além dos

sucos, que agora são à vontade. Atualmente, cerca de 40 pessoas trabalham no local, divididas entre dois turnos, número maior também do que o antigo concessionário do serviço, o que implica numa melhor qualidade de trabalho para os funcionários.

Além do menor preço e da maior qualidade, a higiene também foi citada entre as melhorias do serviço no restaurante universitário. Que, segundo a comunidade puquiana atestou, está melhor e mais barato. Espera-se que permaneça assim.

Cursos recepcionam estudantes com palestras

Alguns cursos continuaram suas semanas de recepção aos calouros neste início de semestre. O CA 22 de Agosto promoveu dez palestras na semana passada, que debateram diversos temas, entre eles opressões, Copa do Mundo e o papel do Direito na sociedade. Na abertura da semana, na segunda-feira, 17/2, o tema foi Democracia Universitária, com a presença do professor Leonardo Massud, do departamento de Direito e diretor da APROPUC, além de Jorge Souto Maior, jurista e professor da USP. À noite, a professora Priscilla Cornalbas, da faculdade de Educação e diretora da APROPUC, dividiu a mesa com Vladimir Safatle, filósofo e professor da USP.

Com o auditório lotado, os professores contextualizaram para os calouros as lutas por democracia em suas respectivas universidades, explicando a importância de pedir por democracia interna e que as eleições sejam diretas e a escolha da comunidade respeitada. A representante da Construção Coletiva na mesa também relatou o papel dos estudantes e sua experiência pessoal no dia que Anna Cintra foi nomeada. A Agência PUC também promoveu atividades para os calouros da Publicidade e Propaganda, com a segunda edição do "Welcome Bixos", evento onde convidados discutem a comunicação social e o curso com os estudantes. Na terça-feira, 18/2, o destaque



ANNA COELHO

Priscilla Cornalbas e Vladimir Safatle falam sobre democracia universitária

foi Rafael Cortez, ex-integrante do CQC e jornalista formado pela PUC-SP, que respondeu, no Tucarena, diversas perguntas dos estudantes presentes. Pela noite de quarta-feira, Sergio Baldassari, publicitário, Tula Minassian, presidente da Prosom, Renato Stockler, fotojornalista, e Pablo Miyazawa, editor-chefe da Ro-

ling Stone, debateram o futuro da publicidade e do jornalismo, colocando as mudanças ao longo do tempo, como a transição entre o impresso e o digital, e expondo como o jornalismo e a publicidade caminham sempre juntos, além de debater as crises que assolam tanto uma área quanto a outra.

APROPUC CONVIDA PARA O LANÇAMENTO DA REVISTA

Dia 13/03/2014 - 19:00hs
Sala 117A - PUC

DEBATEDORES:

Álvaro Bianchi
Professor Doutor Livre Docente do Depto de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas

David Moreno Montenegro
Professor de Sociologia do IFCE

Erson Martins
Professor Doutor da PUC - SP

Jongater F. Barboza
Professor Doutor do Departamento de Filosofia da PUC-SP

Lucio Flavio Rodrigues de Almeida
Professor Doutor do Depto. de Política da PUC-SP
Coordenador do NEILS

Milton Pinheiro
Professor de Ciência Política da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Oswaldo Coggiola
Professor Doutor Titular de História Contemporânea da USP

COORDENAÇÃO:

Prof. Priscilla Cornalbas
Diretora APROPUC

13 DE MARÇO DE 2014

PUCviva

REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PARA ONDE VAIO
BRASIL

AS MOBILIZAÇÕES SOCIAIS E AS PERSPECTIVAS DO PAÍS

APROPUC
Associação dos Programas de PUC-SP
Av. Paulista 47 - 11º andar - 05508-900 - São Paulo, SP

ISSN 1981-2727

Sobre o dia em que estive na Cracolândia

Marcos Amaral

Esse texto é uma chuva de sensações, de compreensões que ainda estão desajustadas na minha cabeça.

Hoje (15/2) tinha uma manifestação marcada para acontecer na Cracolândia, que teria na verdade um caráter de debate sobre a truculência da Polícia do Estado de São Paulo na região no dia 23/1, após a prefeitura começar a trabalhar com o projeto "Braços Abertos".

Eu fui para a Cracolândia. Cheguei à estação Júlio Prestes da CPTM e perguntei a um funcionário onde ficava a Rua Helvétia, ponto de encontro dos manifestantes. Fazia algum tempo que eu não ia para aquela região, e para não ficar perdendo tempo andando até encontrar preferi perguntar. Quando fiz essa pergunta ele franziu a testa, me encarou nos olhos. Eu repeti a pergunta, e ele me forneceu a rota. O céu estava cinza e logo começou a garoar. Logo que vi o tempo pensei que não ia acontecer manifestação ou debate. Mas segui meu trajeto.

A rua fica do lado direito da estação. Eu me lembrei que geralmente vou para o lado da Santa Ifigênia, que aquele lado da rua marcada para o debate ou manifestação era mais frequentado por mim nos finais de semana da virada cultural. Logo que saí da estação um carro de polícia passou por mim, numa questão de minutos entrei na Helvétia e acho que compreendi a testa

franzida do homem que me forneceu a informação. No começo da rua tinha uma ambulância, que acredito ser do projeto da prefeitura. Era uma rua pequena, e havia alguns carros de polícia na rua. Estranhei a quantidade de carros de polícia e de policiais. Eu contei cinco carros. Fui andando pela rua, nenhum policial olhou para mim. Eu que, infelizmente e por uma série de motivos, tenho um pouco de medo de passar perto de policiais não senti nada. Eles não me olhavam. Continuei caminhando e no fim da rua encontrei garis, agentes comunitários de saúde (que contei serem quatro), do meu lado direito os usuários de drogas e do lado esquerdo pessoas comuns (sic) ao lado de religiosos, que no fim achei que fossem todos religiosos. Havia uma caixa de som, ouvi um "Meus irmãos". Depois ouvi um dos religiosos dizendo a um homem "Eles sabem muita coisa, a gente pensa que eles não sabem nada, é nosso preconceito". Vi policiais se aproximando e senti medo. Ouvi os religiosos falarem entre eles "Pra onde nós vamos?".

Eu apenas observei, não consegui falar com ninguém, me esqueci do motivo de estar ali naquele momento. Só consegui observar e me encher de indagações. A rua parecia, uma única rua, um jogo de poderes. Tive a sensação que os usuários queriam ocupá-la, ficar ali. Os policiais não queriam deixar. Por mais sensacionalista que possa parecer, não con-

segui não pensar numa guerra, eu vi a prática da famosa "guerra às drogas". De um lado os policiais, com seus carros, suas armas de fogo, do outro, pessoas vulneráveis, cobertas com cobertores molhados, nitidamente frágeis. Os policiais de um lado, os usuários do outro. Os policiais cochichavam entre si, os usuários também, os religiosos também, os agentes comunitários também, cada um permaneceu no grupo que se identificava. Parecia que ninguém falava a mesma língua. E ninguém se importava com minha presença, naquele momento eu era invisível e os usuários estavam ali protagonizando.

Pensei na vontade boçal da sociedade (e do governo do Estado) de esconder e afastar os usuários de perto. Eu confesso, é muito difícil olhar. Faz mal pra quem vê. E me fez mal porque me senti, enquanto ser ativo de uma sociedade doente, responsável por aquilo que vi. Tentei compreender os motivos de tanta gente querer esconder os usuários, não ver, afastar, trancar...

Que todos nós usamos droga é uma verdade incontestável. Bebida alcoólica, cigarro, remédios... E se as pessoas refletissem um pouco, creio que o nosso uso particular poderia nos aproximar do ser humano que usa de forma abusiva o crack. Não, não é um absurdo... eu sei que cada droga tem um efeito diferente, uma forma de criar dependência particular, mas se todos nós usa-

mos droga isso nos aproxima, a todos, sem exceção. Mas, olhar para um usuário de crack e se identificar deve ser um absurdo. "Porque ele é sujo, feio, não se controla, ele é fraco". Sim, tanto quanto você, tanto quanto eu.

Tem uma frase do Bauman que eu gosto muito: "a partir do momento em que o outro me olha, sou responsável por ele", e nós não queremos ser responsáveis pelo usuário de droga. Porque na verdade não queremos ver o quanto somos frágeis, sensíveis, o quanto o nosso cobertor é molhado. É difícil olhar para si, dói, é mais fácil criticar o "feio" e afastá-lo, porque assim não olhamos o quanto horríveis nós somos.

Do mesmo jeito que temos potencialidades, os usuários também têm. Do mesmo jeito que tentamos nos superar, eles também tentam. Cada um lida com seus problemas de uma forma particular. A rua é de todo mundo e precisa ser ocupada. O uso abusivo precisa ser cuidado, mas sempre pensando na autonomia do sujeito. Você não tem autonomia? O outro também tem o direito de tê-la.

Enquanto olharmos para o outro sem nos identificarmos com ele, será difícil discutir qualquer política pública de saúde.

Ir para a Cracolândia me encheu de fôlego para militar e lutar por uma sociedade mais justa, com indivíduos autônomos.

Marcos Amaral é estudante do 3º ano de Psicologia na PUC-SP.

GAUCHE NA VIDA

A Rússia não quer falar sobre o genocídio que aconteceu em Sochi

Oliver Ayyildiz

As Olimpíadas de Inverno de Sochi têm alguns problemas. Alguns são só irritantes: quartos de hotéis inacabados, água de torneira nem um pouco potável, banheiros toscos, uma alarmante falta de travesseiros, etc. Outros são preocupantes para os competidores, como o trajeto de snowboard que estaria supostamente lesionando os esportistas. E alguns ainda são questões globais alarmantes, como a destruição do meio ambiente, políticas opressivas do governo e a ameaça real de um ataque terrorista.

Mas um dos problemas mais antigos de Sochi é geralmente deixado de fora: o papel da cidade no que muitos chamam de o primeiro genocídio da Europa 150 anos atrás. No meio do século XIX, exércitos russos empenhados na conquista do Cáucaso Norte massacraram sistematicamente a etnia circassiana, depois forçaram os sobreviventes para a costa, onde foram finalmente vencidos - em Sochi. No final, os russos obrigaram os circassianos a embarcar em navios para a Turquia ou ao exílio na Sibéria. No processo, incontáveis pessoas morreram de fome e doenças.

Hoje, há cerca de oito milhões de circassianos pelo mundo e a maioria vive no Oriente Médio. Eles não estão nem um pouco felizes com as Olimpíadas de Sochi.

"Queremos que as pessoas saibam sobre os circassianos, que saibam o que aconteceu conosco e queremos mostrar que não seremos apagados da história", disse Tamara Barsik, fundadora e diretora do No Sochi, um grupo circassiano que tem organizado protestos e tentado conscientizar o público sobre o massacre desde que as Olimpíadas foram concedidas a Sochi em 2007.

Hoje, a cidade não mostra quase nenhuma evidência de seu passado sangrento. As montanhas nevadas e as águas azuis do Mar Negro dão boas-vindas aos oligarcas bilionários e turistas europeus atraídos para essa comunidade litorânea subtropical. Krasnaya Polyana é o resort onde acontecerão os eventos alpinos das Olimpíadas. Mas 150 anos atrás, ali foi o campo de batalha onde milhares de circassianos foram mortos e depois enterrados em valas coletivas enormes.

Em 2011, o parlamento georgiano reconheceu o massacre dos circassianos como genocídio, mas o mesmo nunca aconteceu em Moscou. "A Circássia é uma nação que foi varrida da história", disse Oliver Bullough, autor de *Let Our Fame Be Great*, um livro sobre a conquista russa do Cáucaso.

Assim como ativistas da Turquia, Estados Unidos e do Oriente Médio têm usado os Jogos de Sochi para chamar a atenção do mundo para suas lutas, os circassianos que ainda habi-

tam o Cáucaso enfrentam, como outros ativistas em toda a Rússia, prisões, detenções e espancamentos nas mãos da polícia. No entanto, nos últimos sete anos, os esforços deles sem dúvida ajudaram a lembrar ao mundo o que aconteceu ali - e eles podem agradecer, em parte, a Vladimir Putin.

"Ao hospedar as Olimpíadas em Sochi, o Kremlin deu aos circassianos uma grande oportunidade de levantar sua bandeira", disse Tiago Ferreira Lopes, pesquisador do Cáucaso e professor na Universidade Kirikkale, Turquia.

Semana passada, Bill Pascrell Jr., um congressista de Nova Jersey, discursou na Câmara dos Representantes e disse: "É um desrespeito à comunidade circassiana que o governo russo use Sochi como um palco para se promover diante do mundo".

Dentro da Rússia, a atenção internacional voltada aos circassianos é com frequência desprezada como uma conspiração ocidental, uma tentativa de sabotar as Olimpíadas e constranger Putin. Um apresentador de uma estação de TV pró-governo na Sibéria teria dito: "Primeiro eles disseram que os complexos olímpicos estavam sendo construídos sobre cemitérios circassianos, mesmo sem saber quem eram os circassianos. Agora eles inventaram essa situação com as minorias sexuais".

Com o começo dos Jo-

gos, a história se repete cruelmente a 1.400 quilômetros ao sul de Sochi. Pegos no meio do conflito na Síria, muitos dos 150 mil circassianos do país estão agora em campos de refugiados na Turquia, Jordânia e Líbano, vivendo em condições precárias. O governo russo aceitou apenas mil circassianos como refugiados e oferece pouquíssima ajuda a eles (ativistas circassianos russos são os maiores responsáveis por ajudar os refugiados). Ao mesmo tempo, Moscou ajudou a evacuar ucranianos, bielorrussos e uzbeques da Síria. Atualmente, nenhum visto russo foi concedido aos circassianos sírios.

"Enquanto a guerra arrasa a Síria e os refugiados circassianos sofrem", disse Barsik, "a maior e mais cara festa que o mundo já viu está acontecendo na Rússia".

Publicado em: http://www.vice.com/pt_br/read/a-russia-nao-quer-falar-sobre-o-genocidio-que-aconteceu-em-sochi

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Andes aprova calendário de lutas após congresso

A diretoria do ANDES-SN divulgou na terça-feira, 18/2, o calendário de ações aprovado, no sábado, 15/2, pelos delegados do 33º Congresso do Sindicato Nacional. A agenda prevê rodadas de assembleias gerais nas seções sindicais, um dia nacional de paralisação em 19 de março e reunião do setor dos docentes das Instituições Federais de Ensino (Ifes) nos dias 29 e 30 de março.

Segundo Luiz Henrique Schuch, o resultado do 33º Congresso para o Setor das IFES foi um grande chamado à mobilização da categoria, na luta pela reestruturação da carreira docente, salário e condições de trabalho. "A retomada ou não da greve ainda não está definida. Será

decidida a partir das deliberações das assembleias. Assim como todas as ações do Sindicato Nacional, essa também se pauta na decisão da base. O que apontamos no momento é pautar o debate", reforça o vice-presidente do ANDES-SN, desmentindo alguns veículos da mídia tradicional, que noticiaram que os professores aprovaram realização de greve após o congresso.

Quem quiser conferir o calendário de lutas do Andes para o primeiro semestre, pode acessar <http://www.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=6639>. A APROPUC saúda o Sindicato Nacional por compreender o protagonismo do Andes na luta em defesa da educação e da docência.

UNIPAMPA

Por falar em mobilização, cerca de 40 estudantes ocupam por tempo indeterminado a Reitoria da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) desde segunda-feira, 17/2. Os alunos protestam contra a falta de estrutura e precarização da universidade. "A Unipampa nasce da expansão universitária e sofre todas as mazelas desta expansão. Não dá condições aos estudantes de permanecerem na universidade porque não tem restaurante universitário, opções de alimentação, água para consumo e nem espaço para os estudos", afirmou o 2º vice-presidente da Regional Rio Grande do Sul do ANDES-SN, Daniel Luiz Nedel.

Rede Extremo Sul realiza ato e ocupa CDHU

Na quinta-feira, 20/2, a Rede Extremo Sul, movimento de luta por moradia na zona sul de São Paulo, realizou um protesto político em cobrança da Prefeitura e da Secretaria de Habitação municipal e ocupou a sede da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), na Rua Boa Vista, centro da capital.

Após concentração às 9h30 na Praça da Sé, cerca de 400 pessoas saíram em passeata pelas ruas do centro e chegaram na sede da CDHU. O principal mote do ato foi a suspensão da reintegração de posse de um terreno no extremo sul onde se construiu o Jardim da União, principal ocupação do movimento. O terreno, público, é uma Área de Proteção Ambiental e considerado trecho de manancial, mas a CDHU quer a propriedade para construções imobiliárias. Por sua vez, o movimento reivindica a construção de moradias populares.

Ocupação Esperança comemora seis meses de luta

No último domingo, 23/2, aconteceu em Osasco uma festa em comemoração aos 6 meses da ocupação Esperança, organizada pelo movimento Luta Popular. O evento contou com presença e apoio de lideranças políticas, movimentos sociais e pessoas da região, além de militantes de outras ocupações do Luta Popular.

A festa de aniversário começou às 14h, com muita música, inclusive a banda de forró da ocupação, poesia e brincadeiras para as crianças. Depois, às 17h, o bolo foi cortado e houve uma ato em comemoração da resistência no terreno e

da luta por moradia. Outros estados e ocupações do Luta Popular também foram lembrados, como

Pará, Amazonas, Maranhão, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

A APROPUC se soli-

dariza com o Luta Popular e comemora com o movimento os 6 meses da ocupação Esperança.

Sem-teto resistem a reintegração de posse na zona leste

Também na quinta-feira, 20/2, cerca de 3 mil sem-teto entraram em confronto com a PM durante reintegração de posse de um prédio na zona leste. Era o terceiro dia seguido de tentativa de reintegração, mas os então moradores resistiram, ateando fogões em colchões e em apartamentos do prédio.

A vendedora Vanessa Muniz, 29, contou que estava dentro de um dos apartamentos no

momento em que a polícia decidiu entrar. "Eles usaram gás de pimenta, já chegaram atirando bombas. Tive que deixar meus móveis para trás", lamentou. Ela disse que estava com seus três filhos, um deles com 15 dias de vida. Mais uma vez, a truculência marcou a ação da corporação, que contou com cerca de 150 policiais, que começaram a reintegração às 6h30 da manhã.

Desde terça-feira, 18/2, a PM

tentava negociar a saída dos sem-teto dos imóveis. O pedido de reintegração foi feito pela Caixa Econômica Federal, proprietária do imóvel. O Conjunto Residencial Caraguatatuba, localizado na rua Domingo Rubino, tem 960 apartamentos e foi ocupado no dia 25 de julho do ano passado. A decisão é da 13ª Vara Cível da Justiça Federal em São Paulo e foi expedida em agosto do ano passado.

ROLA NA RAMPA

Serviço Social tem nota máxima na avaliação do MEC

O curso de graduação de Serviço Social da PUC-SP obteve a nota máxima (cinco) na avaliação a que foi submetido através do MEC. Embora o curso tenha obtido nota quatro na avaliação anterior ele foi penalizado pelo Ministério, em razão da baixa nota no Enade, resultante do boicote feito pelos estudantes. Como a nota do Enade hoje tem forte peso no processo de avaliação, o curso foi penalizado com a diminuição do número de alunos que po-

deriam se matricular nos anos de 2013 e 2014. Com a nova avaliação, que atesta a qualidade do curso, espera-se que seja autorizado o ingresso de mais alunos no próximo vestibular

Correção

O título correto da matéria de capa de nossa edição anterior, subscrita por professores e estudantes de Serviço Social é "A quem e para que serve a decisão de aplicação de advertência formal à Profa. Dra. Maria Beatriz Costa Abramides?"

Professores lutam contra intransigência das mantenedoras

Na primeira rodada de negociação, realizada em 11 de fevereiro, o Sindicato das Escolas de Educação Básica (SIEEESP) fez duras propostas contra os direitos dos professores, propondo a redução, e em alguns casos até mesmo o fim, de conquistas históricas da categoria. Entre as propostas apresentadas ao Sindicatos dos Professores de São Paulo estão o reajuste salarial proporcional ao tempo de serviço, a PLR condicionada à assiduidade e ao tempo de contratação e a possibilidade de contratação por salários mais baixos, além do fim das férias coletivas dos professores,

o fim da cesta básica, redução do recesso para 20 dias, fim da licença em caso de morte ou casamento e o não pagamento do recesso na demissão no fim do ano. O SINPRO-SP rejeitou sumariamente tais propostas, assim como os outros sindicatos articulados no estado de São Paulo em torno da campanha salarial unificada de 2014. O SINPRO também convocou assembleia para discutir as alterações estatutárias, que será realizada no dia 13/3, às 14h. O edital de convocação pode ser encontrado neste link: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/sinpro/edital_assembleia_13032014.pdf

Mais uma substituição na equipe da reitoria

Na semana passada foi anunciada mais uma mudança na reitoria nomeada: a professora Maria José Pacheco França Pinheiro Machado foi exonerada a pe-

dido do cargo de Diretora do Campus Monte Alegre. Para seu lugar foi nomeado o funcionário Maykel Chagas Botelho Araújo, que trabalhava na SAE.

Museu da Cultura traz mostra sobre William Burroughs

O Museu da Cultura promoverá a mostra "William Burroughs - 100 anos no espaço", que terá duração até o final de março. Na galeria do Museu, haverá exibição de imagens, vídeos e sons, espaço denominado "Laboratório-Burroughs", até o dia 21/3. Na Biblioteca Nadir Kfourri, haverá o Ciclo de Filmes sobre o escritor, começando no dia 26/2 com "William Burroughs: a man within", de Yony Leyser, dia 12/3 com "Drugstore Cowboy", de Gus Vant Sant, e terminando dia 17/3 com "Naked Lunch", de David Cronem-

berg. No Pátio do Museu, no dia 19/3, haverá a primeira conversa sobre o autor, com o tema "Burroughs, drogas e sociedade de controle", com Edson Passetti e Wander Wilson; a segunda conversa acontece no dia 20/3 com Beatriz Carneiro, Cláudio Willer e Rodrigo Garcia Lopes discutindo a atualidade de Burroughs, e no dia 21/3, com o tem "Cut-up Burroughs", Acácio Augusto, Marcos Felinto, Vitor Osório e Wander Wilson finalizam a homenagem ao crítico social. Para mais informações, acesse www.pucsp.br/museudacultura.

Acordos internos expiram em fevereiro

O mês de fevereiro marca o término da vigência dos Acordos Internos de Trabalho de Professores e Funcionários e também o mês de campanha salarial dos trabalhadores da PUC-SP. A AFAPUC está procurando agendar uma reunião com

a Fundação São Paulo para definir um novo texto. Assim que forem iniciados os encaminhamentos a entidade deverá convocar uma assembleia. A APROPUC também deverá se reunir nos próximos dias com a Fundação.

APROPUC inicia processo eleitoral para eleição de sua diretoria

No dia 11/3, terça-feira a APROPUC convoca uma assembleia em sua sede para abertura do processo eleitoral para sua diretoria no biênio 2014/2016.

As eleições deverão ocorrer ainda neste semestre. Para ser candidato ou poder votar o professor não associado deverá associar-se na APROPUC até o dia 17/3.